

## **APONTAMENTOS DE HOMEOPATIA**

**O PENSAMENTO HAHNEMANNIANO EM QUESTÃO**

**SIMONE GALVÃO NOGUEIRA**

## SUMÁRIO

Capítulo I – O Nascimento da Homeopatia;

A Lei Dos Semelhantes.

A Experimentação No Homem São.

Capítulo II – Os Corolários dos dois princípios Fundamentais;

As doses mínimas.

O medicamento único.

Capítulo III – Mais um princípio fundamental: O Vitalismo;

Corolários: A Dinamização.

A totalidade individual.

Capítulo IV – Miasmas, A teoria das Doenças Crônicas:

Sua explicação e tratamento.

Doses Únicas x Doses Repetidas

Centesimal x Cinquenta Milesimal

Capítulo V – Um breve histórico da Homeopatia no Brasil:

A 50 Milesimal no Brasil.

Capítulo VI – Conclusão.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é demonstrar, através de fontes Históricas relativas ao assunto, e fazer uma análise crítica das mesmas, quanto à evolução do pensamento Hahnemanniano, no que se refere às formas, de preparo e administração, dos medicamentos homeopáticos.

Isto foi feito, dentro do possível desde o início, quando Hahnemann, o criador da Homeopatia, começou a marcha do desenvolvimento de seu sistema médico, até sua última edição do “Organon da Arte de Curar”, livro onde ele expõe a doutrina médica Homeopática, levando em consideração principalmente as formas de preparo dos medicamentos homeopáticos, já que o trabalho é relativo à escola de Farmácia, mas não deixando de lado as formas de administração, uma vez que, ambas as formas estão estreitamente ligadas e, a evolução do preparo dos medicamentos dependeu desta última, no que se refere, em administrar os medicamentos em doses únicas, ou repetidas, na mesma potência medicamentosa ou em potências diferentes, sendo que as mesmas alternadas ou de forma crescente etc. Por fim, foi feita uma comparação entre a Escala Centesimal e a Escala Cinquenta Milesimal, assim como um breve histórico desta última no Brasil.

## **Capítulo I – O Nascimento da Homeopatia; A Lei Dos Semelhantes. A Experimentação No Homem São.**

O início da marcha em que Hahnemann desenvolve a Homeopatia, se dá em 1790 como podemos ver em suas próprias palavras na transcrição a seguir:

“Há tanto tempo quanto o ano de 1790 (veja a *Matéria Medica* de W. CULLEN, Leipzig, bei Schwickert, ii, p. 109, nota) eu fiz o primeiro ensaio puro com a casca da *Cinchona* em mim mesmo, em referência ao seu poder de estimular febre intermitente. Com este primeiro ensaio, raiou-me a alvorada que desde então reluziu dentro do mais brilhante dia da arte médica; que é apenas em virtude do poder deles de tornarem doente o ser humano saudável, que os medicamentos podem curar estados mórbidos, e, de fato, somente aqueles estados mórbidos que são compostos de sintomas os quais a droga a ser selecionada para eles consegue ela mesma produzir em similaridade na saúde. Isto é uma verdade tão incontrovertida, tão absolutamente sem exceção, que todo o veneno vertido sobre ela pelos membros da associação médica, enceguecidos por seus preconceitos milenares, é impotente para extinguí-la; tão impotentes quanto foram os vitupérios lançados contra a descoberta imortal de HARVEY da grande circulação no corpo humano, por RIOLAN e seu bando, para destruir a verdade revelada por ele...).” – (Hahnemann; *Matéria Médica Pura*, Vol. 1, nota nº 2 artigo: China officinalis).

Como se pode notar no trecho acima, foi através da experiência e observação acuradas que nasceu a Homeopatia. Com a experimentação em si mesmo da casca *Cinchona*<sup>1</sup> (*China officinalis*), Hahnemann pôde observar que a cura da febre intermitente em questão ocorreu devido a reação do indivíduo àquela substância medicamentosa. Uma nova reação, artificial, que substituiu a reação que o indivíduo apresentava durante o estado mórbido natural. Isto porque o medicamento em questão era capaz de produzir sintomas parecidos, com aqueles apresentados pelo indivíduo doente, ou seja, à febre intermitente.

---

Restava ver se esse era um fato isolado, ou, se a regra era para todos os casos onde houvesse uma doença, em que o indivíduo precisasse ser curado. Mais uma vez o único guia seguro para resolver a questão foi a experiência e observação acuradas, como observa Hahnemann: - “*A razão, sem ajuda, nada pode saber por si (a priori); não pode, só por si, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; toda e qualquer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da*

<sup>1</sup> Nome dado a árvore *China officinalis* por Lineu em homenagem a Condessa de Chinchón (Ana Osório), esposa do Conde de Chinchón (Jeônimo Mendoza), nobre espanhol - Vice-Rei do Peru. Essa Condessa foi tratada de malária com a casca dessa árvore pelos nativos enquanto morava na colônia espanhola do Peru.

*fantasia e da especulação arbitrária – mãe de ilusões perniciosas e de absoluta nulidade*”. (Hah. Pef. Da 2<sup>a</sup> ed. Org.).

Seguindo este raciocínio, após seis anos de experiência, em 1796 publicou seu primeiro trabalho sobre a nova doutrina: “Ensaio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais, seguido de alguns comentários sobre os princípios admitidos até nossos dias”, onde relata as experiências realizadas pela primeira vez na história da medicina, com medicamentos no homem são, com fins terapêuticos, A Experimentação no Homem São<sup>2</sup>.

Este princípio foi absolutamente necessário e indispensável, para que Hahnemann pudesse usar os medicamentos de forma racional, ou seja, como instrumentos conhecidos, e aplica-los na prática, confirmado assim o que ele veio a chamar mais tarde de “Lei dos Semelhantes<sup>3</sup>”, sendo esses dois princípios, os guias fundamentais para o desenvolvimento de sua doutrina.

Dessa forma Hahnemann observa no mesmo trabalho - “... *Em meus acréscimos à Matéria Médica de Cullen, eu já observara que o córtex da quina, dado em grandes doses para indivíduos sensíveis, todavia sadios, produz um verdadeiro acesso de febre, muito similar à febre intermitente, e por esse motivo, provavelmente, ele sobrepuja, e assim cura a anterior. Agora, após madura experiência, eu adiciono, não apenas provavelmente, mas com total certeza*”.

Portanto, a observação a respeito desses princípios já estava devidamente documentada, mas sua explicação e defesa só veio aparecer de forma definitiva em 1810, no Organon da Medicina Racional, 1<sup>a</sup> ed. onde ele expõe as bases de seu novo Sistema médico. É importante notar que este livro só veio aparecer 20 anos depois da experiência com a China, sendo este, portanto uma obra madura, onde os princípios expostos eram definitivos, apenas sendo desenvolvidos ou acrescentados de outros nas suas edições posteriores, porém nunca de forma contraditórias àqueles ali expostos, como bem observou o Prof. David Castro<sup>4</sup>, quando na primeira tradução do Organon 6<sup>a</sup> ed, para o português em 1963: - “*Muitos anos antes do aparecimento do Organon,*

---

<sup>2</sup> Quando se diz Homem São, é aquela pessoa que se encontra equilibrada no momento, e não aquela que possui uma saúde inabalável, como quer dizer os cépticos.

<sup>3</sup> Hahnemann já conhecia este princípio dos escritos de Hipócrates, como ele descreve em diversas passagens de sua obra, ex.: Ele cita o Tratado Hipocrático - “Pelo semelhante se produz a enfermidade e, aplicando o semelhante se curam as enfermidades: o que causa uma estrangúria que não é, também isso põe fim àquela que é; e a tosse segundo isso como a estrangúria...” (Hipócrates - A respeito Dos Lugares Sobre os Homens ).

<sup>4</sup>David Castro (1915 – 1980) Médico homeopata, o principal divulgador da Homeopatia no Brasil depois de Benoit Mure.

*Hahnemann já era homeopata. Com efeito, foi em 1796, isto é, 14 anos antes da primeira edição do Organon, que Hahnemann tornou público os estudos que o levaram aos princípios básicos de sua doutrina biológica, patológica e terapêutica. Assim, o Organon, ao aparecer publicamente, não era uma hipótese lançada à discussão ou uma simples especulação terapêutica. Era, ao contrário, uma obra positiva, segura, corajosa, fruto de longos anos de amadurecimento no trabalho, na demonstração, na pesquisa, na experiência de cada dia”.*

*“As modificações introduzidas nas edições sucessivas se bem não afetassem a ideologia básica da obra, foram sempre feitas em virtude de novos ensinamentos e conhecimentos adquiridos na prática, resultando afinal em uma obra de elevado valor científico e de tão grande avanço sobre as ideias e conhecimentos de sua época, que ainda hoje as pesquisas bioquímicas, fisiológicas e patológicas chegam de vez em quando a conclusões que podem ser encontradas nas mesmas páginas”.*

*“E o que lhe dá maior valor é o fato de, embora sendo uma exposição da doutrina homeopática, é também um compêndio da arte de curar, um guia genial da profissão médica, que pode ser - e tem sido – útil aos melhores médicos, homeopatas ou não”.*

(David Castro – introd. Organon VI ed. Hahn. 1<sup>a</sup> ed. Bras. 1963).

#### Experimentação no Homem São:

Aqui devemos levar em consideração duas questões: Por que no homem e não no animal? E por que no indivíduo saudável e não no doente?

a) Segundo Prof. Maffei<sup>5</sup> a resposta a um determinado estímulo nos animais se dá em caráter específico, e no Homem em caráter inespecífico. Daí pode-se notar que as condições de resposta entre o animal e o Homem são completamente diferentes, “A reação imuno-alérgica é a reação antígeno-anticorpo, a qual é específica nos animais e inespecífica no homem”. (Dr. Galvão – Aforismos de Maffei). “A refratariedade é rara no ser humano e comum nos animais”. (idem).

Estas observações do professor Maffei demonstram como observou Dr. Galvão<sup>6</sup>, o quanto Hahnemann enxergou a frente de seu tempo, uma vez que, esses fatos citados pelo Prof. Maffei como: a pré-disposição a refratariedade, a imunidade, a alergia, foram elucidados praticamente 200 anos após a morte do criador da Homeopatia.

---

<sup>5</sup> Walter Edgar Maffei, (D.M.): Livre-docente de Patologia Geral e Especial da Fac. de Medicina da Univ. de S. Paulo. Ex- Professor de Patologia Geral e Especial da Faculdade de Medicina de Sorocaba, da Pontifícia Universidade Católica, de S. Paulo.

Segundo mostrou Dr. Galvão (em diversos trabalhos por escrito e em aulas, onde em muitas, com a presença do próprio professor) há um enorme encontro entre as ideias do Prof. Maffei e Hahnemann. A importância disto é a possibilidade de se traduzir a linguagem hahnemannia, de mais de dois séculos atrás, em uma linguagem atual.

<sup>6</sup> George W. Galvão Nogueira: Médico homeopata, criador, junto com Dr. David Castro, o Grupo de Estudos de São Paulo “Benoit Mure”, com o qual prestou inúmeros serviços à Homeopatia.

Os animais respondem pela alergia, isto é, o choque antígeno x anticorpo específico, o Homem responde pela paralergia, isto é, choque antígeno x anticorpo inespecífico sendo esse o fundamento que difere completamente a forma de reagir entre os Homens e os animais, mostrando aí à importância de se fazer a experimentação dos medicamentos para fins curativos no Homem e não no animal.

Além do mais, a experimentação deve ser feita em diversas pessoas, de ambos os sexos, de diversas idades, de diversos tipos, segundo as suas constituições individuais, responsáveis pelas peculiaridades na forma de cada um reagir. “*A totalidade dos elementos de moléstia que um medicamento é capaz de produzir só pode ser completamente entendida mediante numerosas observações em muitas pessoas adequadas de ambos os sexos e diferentes constituições. Só então podemos ter certeza de que um medicamento foi inteiramente experimentado em relação aos estados mórbidos que pode produzir – isto é, em relação a seus poderes puros de alterar a saúde do homem – quando experimentadores posteriores pouco podem notar de novo em sua ação, e quase sempre os mesmos sintomas já observados pelos outros em si*”.

(Hahn. Organon VI ed. - §135).

b) Em um indivíduo saudável quando aplicado um estímulo patológico, ou seja, que modifica a sua forma de reagir logo se percebe alterações podendo-se concluir indubitavelmente que essas alterações são devidas a este estímulo, como observa Hahnemann:- “*Se, a fim de isso determinar, administrarem-se medicamentos somente a pessoas doentes, mesmo administrados um a um, então pouco ou nada preciso se notará de seus efeitos puros, visto que as alterações peculiares nos estados de saúde, a serem esperadas dos medicamentos, misturam-se com os sintomas da moléstia e raramente podem ser observadas destacadamente.*” (Hah. Organon 6<sup>a</sup> ed. §107)

No indivíduo saudável os seus mecanismos de defesa, de regulação e de compensação o mantém perfeitamente bem, cujas reações se dão de forma imperceptível. Quando há qualquer alteração na forma de se reagir, esta reação manifesta-se claramente ao observador quanto as suas alterações.

Já no indivíduo doente cujas manifestações já são resultados de uma reação alterada, qualquer estímulo que esse indivíduo sofre provocará alterações, ou não, no quadro que se apresenta. No caso das alterações, não será possível atribuí-las única e exclusivamente ao estímulo dado, porque se por um lado o indivíduo alterou a sua forma de reagir e, isto se deu por causa deste estímulo, não significa, no entanto, que o novo quadro apresentado pelo doente se deve unicamente ao estímulo dado, mas geralmente é uma mistura entre o quadro patológico que o indivíduo já vinha sofrendo e

o quadro atual, sendo que, raramente pode-se distinguir o que já era da moléstia antiga com a nova moléstia.

Por essa razão é que Hahnemann agrupou os sintomas, isto é, as alterações da forma de como o indivíduo reage a um estímulo medicamentoso, as patogenesias de cada medicamento, em um livro chamado “Matéria Médica Pura”. Isto porque estas patogenesias foram feitas em indivíduos saudáveis, Em contra posição, por exemplo, as patogenesias do seu livro Doenças Crônicas, cujos sintomas, apesar de serem feitos também em indivíduos saudáveis, teve sua confirmação de caráter anti-psórico na observação clínica, cujos fundamentos serão explicados mais adiante.

Lei dos Semelhantes: Este enunciado proposto por Hahnemann que constitui na pedra fundamental da Homeopatia e, que significa uma lei de cura, foi observado por diversos autores de tratados médicos e filosóficos, antes e depois dele e, pode ser descrito de uma forma bem simples: O indivíduo que apresenta uma coisa e que pegar outra está curado da primeira. Assim vemos em Hippocrates: “*As pessoas acometidas por febre quartã são de poucas convulsões; e quando previamente afetadas de convulsões, delas escapam através da febre quartã, se esta sobrevém em seguida.*” (Aforismo n.º 70 seção V – Hippocrates), e em Hahnemann “*Isso depende da seguinte lei homeopática da natureza, realmente às vezes imaginada mas, até agora, não inteiramente reconhecida, e à qual se deve toda a cura efetiva que se tenha realizado:*

“*Uma afecção dinâmica mais fraca é extinta de modo permanente no organismo vivo por outra mais forte, quando esta última (embora de espécie diferente) seja muito semelhante à primeira em suas manifestações*<sup>7</sup>. ”

Ou seja, o que Hahnemann viu e, que ninguém que se saiba viu antes dele, foi uma maneira de trabalhar com a pré-disposição, uma vez que, ela é o fator fundamental para que o indivíduo venha adquirir uma moléstia. Assim, ele observou que os sintomas peculiares e característicos, que o indivíduo apresenta quando doente, e que constitui a moléstia, indica tanto o seu ponto sensível, quanto a sua condição de resposta, de modo que, quando ele provocou a moléstia artificial em pessoas saudáveis, e notou seus aspectos mais importantes, ou seja, mais fortes e peculiares, logo associou a ideia de que tanto o indivíduo que apresenta a doença natural como aquele que apresenta a doença artificial, apresentam o mesmo ponto sensível e condições de respostas semelhantes, desde que os sintomas que ambos apresentem sejam semelhantes, mostrando que eles tem fatores que levam a uma pré-disposição a estímulos semelhantes e, que tanto um quanto outro, responderão, reagirão, a esses mesmos estímulos.

---

<sup>7</sup> Grifo meu.

Portanto, esse indivíduo doente é pré-disposto ao mesmo estímulo que foi capaz de alterar o estado de saúde daquele indivíduo são, ou seja, esse indivíduo doente é capaz “de pegar” essa nova doença; no caso, a doença medicamentosa, artificial, mais forte, porém, menos duradoura, sendo portanto, também, a lei dos semelhantes um princípio de indicação terapêutica, os semelhantes que se curem pelos semelhantes - “similia similibus currentur-.

## **Capítulo II – Os Corolários dos dois princípios Fundamentais;**

**As doses mínimas.**

**O medicamento único.**

As formas farmacêuticas usadas por Hahnemann, a fim de se administrar os medicamentos eram as mesmas das farmacopeias comuns, grãos, pílulas, óleos etc., até por algum momento perto de 1801, quando ele trata a febre escarlate com Belladonna, com na forma de pó para ser diluído, dando instruções detalhadas para sua preparação

-“ A fim de preparar esse remédio para prevenir a infecção de febre escarlate, nós tomamos uma porção das folhas frescas da beladona selvagem<sup>8</sup> (*Atropa belladonna*) na estação quando as flores ainda não estão ainda despontadas; essas nós maceramos num almofariz até formar uma papa, e esprememos o suco através de um pano de linho, e imediatamente (sem qualquer purificação prévia) o esparramamos, mal-e-mal até a espessura das costas de uma faca, em pratos ricos de porcelana, e o expomos à corrente de ar seco, onde será evaporado no decorrer de umas poucas horas. Nós o mexemos e novamente espalhamos com a espátula, de modo que possa endurecer de uma maneira uniforme até que se torne tão seco que possa virar pó. O pó deve ser mantido num frasco bem arrolhado e aquecido.

---

<sup>8</sup> Para os meus experimentos eu só tenho utilizado a beladona selvagem colhida em seu habitat natural, mas eu não duvido que a espécie cultivada mostrará os mesmos poderes, caso ela cresça numa situação muito análoga no tocante ao solo e à posição em relação àquela natural; vide o *Apotheker Lexicon de Hahnemann* [Léxico do Boticário de Hahnemann], artigo *Belladonna-schlaf-beere* [Baga narcótica da beladona]

*Se nós agora desejarmos preparar a partir disso o remédio profilático, dissolvemos um grão desse pó (preparado do extrato de beladona bem guardado, evaporado numa temperatura comum) em cem gotas de água destilada comum, esfregando num pequeno almofariz; nós vertemos a solução espessa dentro de um frasco com volume de uma onça, e enxaguamos o almofariz e o pistilo com trezentas gotas de álcool diluído (cinco partes de água para uma de espírito<sup>9</sup>), e então acrescentamos isto à solução, tornamos a união perfeita, agitando diligentemente o líquido. Nós rotulamos o frasco de solução forte de Belladonna. Uma gota desta é intimamente misturada com trezentas gotas de álcool diluído agitando-se por um minuto, e essa é assinalada como sendo a solução média de Belladonna. Desta segunda mistura uma gota é misturada com duzentas gotas do álcool diluído, sacudindo-se por um minuto, e marcado como solução fraca de Belladonna; e esse é o nosso remédio profilático para a febre escarlate, cada gota do qual contém uma vigésima quarta milionésima parte de um grão do suco seco de beladona.” (Hael – Escritos Menores – tratamento da febre escarlate por hahbemann).*

Na 1<sup>a</sup> ed. do Organon (1810), descreve as preparações medicamentosas a serem administradas na forma de Tinturas (T.M.), de forma geral, para as substâncias vegetais, destacando mais tarde que foi o primeiro a usar essa forma farmacêutica no tratamento das doenças, como descrito a seguir:

- “ *Buchholz (Taschenb. f. Scheidek. u. Apoth. a. d. J. 1815. Weimar, Abth. I. VI) garante a seus leitores (e seu revisor no Leipziger Literaturzeitung, 1816, nº 82, não o contradiz) que para este excelente modo de preparar medicamentos damos graças à campanha da Rússia, da qual foi (em 1812) importado para a Alemanha (1813). De acordo com a nobre prática de muitos alemães de serem injustos para com seus próprios compatriotas, ele oculta o fato de que esta descoberta e todas aquelas instruções, que cita em minhas próprias palavras, da primeira edição do Organon da Medicina Racional (§ 230) e nota, procedem de mim, e que fui eu quem primeiro publicou-as ao mundo dois anos antes da campanha da Rússia (O Organon saiu em 1810). Certas pessoas atribuíram a origem de uma descoberta antes aos desertos da Ásia do que a algum alemão a quem caiba a honra. O tempora! O mores!*

*Certamente já se empregou o álcool alguma vez antes desta para se misturar com sucos vegetais, por exemplo, para preservá-los por algum tempo antes de fazer seus extratos, mas jamais para administrá-los nessa forma*”. (Hahnemann §267- 6<sup>a</sup> ed. Organon)<sup>10</sup>

Portanto, desde por volta desta época, Hahnemann já fazia usos das tinturas com o objetivo de administrar apenas os princípios curativos<sup>11</sup> das substâncias medicinais,

<sup>9</sup> N. T. Bras.: espírito aqui significa solução alcoólica.

<sup>10</sup> Esta observação está presente desde a segunda edição do Organon.

<sup>11</sup> Eu me refiro a princípios curativos e, não a princípios ativos, uma vez que, para Hahnemann era necessário fazer uso das substâncias inteiras e não de suas partes isoladas. – “... Por outro lado, os extratos obtidos por meio de ácidos dos chamados alcalóides de plantas, são sujeitos

eliminando suas partes grosseiras, inertes, que só sobrecarregariam o estômago.

As tinturas mães se mostraram bastantes eficientes não só com relação à administração de medicamentos, mas, como também, um meio de se poder diminuir as doses dos mesmos através da sua diluição e divisão em gotas, condição essa, para o tratamento homeopático, que ele já havia percebido desde que começou a trabalhar com as experimentações no indivíduo são, já que, em 1796 nos seus primeiros escritos, em relação ao assunto das experimentações, em diversas passagens de seu trabalho Hahnemann, percebeu claramente as diferenças no tamanho das doses para se produzir efeito na pessoa saudável, doses moderadas à grandes, e àquelas que deveriam ser administradas nos doentes, doses menores.

*— “O café produz, em grandes doses<sup>12</sup>, cefaléia; ele portanto cura, em doses moderadas, cefaléias que não provêm do desarranjo do estômago ou da acidez nas primæ viæ [vias principais]. Ele favorece o movimento peristáltico dos intestinos em grandes doses e, portanto, curas em doses menores diarréias crônicas...”* (Hahnemann – Ensaio Sobre os Princípios para os Poderes Curativos das Drogas, 1796).

A maneira de se administrar as tinturas foram sendo aperfeiçoadas com a exigência de se dar doses cada vez menores, sendo que, primeiramente se as administravam em poções inteiras, para pessoas vigorosas, ou apenas algumas diluições, dependendo do caso de doença, como no exemplo da Belladonna, no tratamento da febre escarlate, depois, passou-se a apenas algumas gotas de sucessivas diluições( atenuações) dessas tinturas como descrito em uma passagem de seu tratamento da febre tifoide:-“ Nós tomamos uma dracma da raiz pulverizada de briônia, agitamo-la com dez dracmas de álcool e deixamos descansar por seis horas de maneira a extrair todo o seu poder medicinal. Nesse ínterim nós despejamos seis dracmas do mais puro álcool de cada um dos doze frascos, os quais deverão ser de um tamanho tal que essa quantidade não os encha completamente, e então nós os numeramos. Dentro do primeiro desses frascos, marcado com o Nº 1, nós pingamos uma única gota da tintura como explicado acima, e o sacudimos fortemente por três minutos; depois deste frasco Nº 1 nós pingamos uma única gota no frasco Nº 2, e o sacudimos fortemente pelo mesmo espaço de tempo; então de novo, deste nós pingamos uma única gota dentro do frasco Nº 3, e assim procedemos até que cada um dos frascos tenha recebido uma gota do precedente, assim aquele frasco Nº 12 está impregnado com uma gota do Nº 11, e depois disto, como todos os anteriores, é fortemente agitado por três minutos.

---

a grande variedade em sua preparação (por exemplo, o quinino, a estricnina, a morfina), e não podem, portanto, ser aceitos pelo médico homeopata como medicamentos simples inalteráveis, sempre os mesmos, principalmente porque ele tem, nas próprias plantas em sua composição natural (quina, noz vomica, Opium), todas as qualidades necessárias para curar. Além disso, os alcaloides não são os únicos constituintes das plantas.” (Hahn., nota §273 6ª ed. Organon.).

<sup>12</sup> Grifo meu.

*Esse é o último frasco, Nº 12<sup>13</sup>, o qual contém a tintura de briônia na diluição adequada, e a qual pode ser empregada com bom êxito no primeiro estágio da doença”* (Hahn. Escritos Menores – Tratamento do Tifo, 1814).

Mais para frente na mesma obra, ele já menciona dar a gota da tintura diluída com açúcar, mas provavelmente ele só passa a fazer as gotas divididas através da sua impregnação nos glóbulos por volta de 1824, descrita na 2<sup>a</sup> ed. do vol. II da Matéria Médica Pura em introdução de Arsenicum álbum.

- “A fim de preparar esse medicamento altamente potencializado para administração, cerca de dez grãos dos menores glóbulos, feitos de amido e açúcar de cana, tais como os confeiteiros usam para salpicar (trezentos pesam um grão), devem ser colocados numa pequena cápsula redonda de porcelana, e de seis até oito gotas deste líquido espirituoso são respingadas neles, e mexidos com um pedaço de madeira a fim de que os glóbulos possam ser igualmente umedecidos, então todos devem ser vertidos em um pedaço de papel e esparramados, e quando completamente secos, mantidos num frasco arrolhado com o nome do medicamento afixado nele.” (hahn. Mat. Méd. Pura, vol.II, Ars. 1824).

A partir daí, os glóbulos de açúcar passam a ser como uma unidade medicamentosa, primeiramente dado seco sobre a língua, como uma dose, até a 5<sup>a</sup> ed. do Organon (1833), para depois, com a publicação do seu Tratado sobre as Doenças Cronicas 2<sup>a</sup> ed. (1835/1839) serem dados apenas em solução e, essa solução divididas em pequenas partes.

As substâncias insolúveis eram tratadas de formas semelhantes, ou diluídas através do ácido acético, quando possível, como no caso do ferro, ou tornadas pó e trituradas com açúcar, como no caso do ouro, forma essa já conhecida por Hahnemann das farmacopeias comuns da época, para a administração do mercúrio no tratamento da sífilis:

*“Nós podemos conferir o mesmo elogio às pílulas de Belloste, as pílulas mercuriais da farmacopéia de Londres e a mais recente de Edinburgh, ou a trituração de mercúrio com mel, açúcar ou olhos de caranguejo. Essas preparações devem as suas suavidades à ausência de ácidos minerais, e a eficácia delas à porção de mercúrio oxidado que elas contêm que é solúvel em nossos fluidos, e que é produzido ao se esfregar o mercúrio com qualquer dessas substâncias.”* (Hael – Escritos Menores – Preparações Mercuriais particulares, 1789 - Hahnemann).

O fato é que Hahnemann aperfeiçoou o método da Trituração exclusivamente com açúcar de leite, primeiramente apenas para poder administrar as substâncias medicamentosas insolúveis, de forma atenuada:

- “... assim triturei a mais fina folha de ouro (sua pureza é de 23 quilates, 6 grãos) com 100 partes de açúcar de leite por uma hora inteira, para uso médico interno.

*Não tentarei determinar se nesse fino pó o ouro é somente triturado até uma parte menor, ou se por esta trituração energética ele se torna um tanto oxidado. Basta que, ao prová-lo em alguns adultos saudáveis, 100 grãos deste pó (contendo um grão de ouro), e em outros, 200 grãos (contendo dois grãos de ouro), dissolvidos em água, foi suficiente para excitar alterações muito grandes na saúde e sintomas mórbidos, os quais estão anotados abaixo.”*

---

<sup>13</sup> Note-se que Hahnemann nesta época, ainda não utilizava as diluições na proporção 1/100, nas formas fluídas.

- “Algum tempo depois de escrever o que está acima, tive a oportunidade de me convencer que uma atenuação centesimal mais alta da preparação anterior (feita pela trituração de ouro com cem partes de açúcar de leite), consequentemente a 1/10000 parte de um grão de ouro para uma dose, mostrou-se não menos poderosa de um ponto de vista curativo, especialmente nas necroses dos ossos nasal e palatal, causados pelo abuso de mercúrio preparado com ácidos minerais. No esquema acrescentado, os sintomas de ouro, homeopático para estas afecções, serão prontamente observados. (Hahnemann Mat. Méd. Pura 1818/1825).

Na preparação de Stannum metallicum em 1821 Hahnemann da formas finais nas preparações das triturações, com a proporção de 1/100 substância medicamentosa / veículo e feitas em três graus de atenuações, inclusive notando, a solubilidade dessas substâncias a partir do terceiro grau. Essas triturações foram aconselhadas posteriormente nos casos de as substâncias insolúveis ou não.

Na primeira edição do Organon as doses mínimas já aparecem esclarecidas e como condição essencial para o tratamento homeopático e são, com base nas suas observações sobre a ação primária e secundária dos medicamentos que vem sua explicação, observações estas já descritas no seu trabalho de 1796, porém, apenas, como um deslumbre de sua real importância. Uma vez que, o medicamento homeopático age por semelhança, isto é, em um indivíduo pré-sensibilizado pela própria doença natural, que constitui o principal fator de pré-disposição a ele, que é indicado pelo conjunto de sintomas mais característicos, que constitui a moléstia; a expressão da doença. Este medicamento, desarranjando a energia vital do indivíduo como um todo, atinge logo em seguida os pontos sensíveis do doente, numa reação, ação secundária, sendo que, se a dose for suficientemente pequena, ela age com força suficiente apenas para restaurar o equilíbrio perdido, ação secundária curativa, se não for suficientemente pequena, o indivíduo responderá com simtos opostos ao da moléstia natural. Ação secundária. (Uma ação secundária propriamente dita se faz, levando em consideração um sintoma, Tratamento sintomático unilateral).

*“A conveniência de um medicamento para um caso determinado de doença não depende apenas de sua correta seleção homeopática; depende, também, da grandeza, ou melhor, da pequenez da dose. Se dermos uma dose demasiadamente forte de um medicamento que possa ter sido homeopaticamente escolhido para o estado mórbido sob tratamento, ela deve, não obstante o seu caráter benéfico inerente, revelar-se prejudicial apenas por sua quantidade, e pela impressão desnecessária, demasiadamente forte que, em virtude de sua semelhança homeopática de ação, produz na força vital que ataca e, por meio da força vital, nas partes do organismo que são mais sensíveis e já estavam afetadas pela doença natural”.* (Hah. Organon 6<sup>a</sup> ed. §275).

*“Na ação primária das potências morbíficas artificiais (medicamentos) sobre nosso corpo parece que (como podemos verificar nos exemplos seguintes) nossa força vital se comporta apenas passivamente (receptiva, como que sofrendo), e assim como que obrigada a isto, permite que a potência artificial externa atue sobre ela e mude seu comportamento, para logo em seguida se reerguer e reagir a esta influência (ação primária):*

*a) produzindo no mesmo grau o estado exatamente oposto (ação contrária, secundária) à ação primária produzida sobre ela, se tal estado existir, e isto na proporção de sua própria energia; ou,*

*b) se não houver na natureza um estado que seja exatamente o oposto da ação primária, ela parece querer fazer valer seu poder superior extinguindo a mudança nela produzida pelo agente externo (pelo medicamento), colocando em seu lugar seu próprio estado normal (ação secundária, ação curativa)". (Hah. Organon 6<sup>a</sup> ed. §64).*

Exemplos de (a) são bem conhecidos. Apenas para citar um, no caso do café em relação à insônia, o indivíduo que procura aliviar o sono tomando café, num primeiro instante, se sente aliviado, sem sono, para logo em seguida, cair em uma sensação de sono, que fica mais irresistível quanto mais café toma.<sup>14</sup>

O segundo caso descreve Hahnemann:

*"Em curas homeopáticas, a experiência nos ensina que, das doses extraordinariamente<sup>15</sup> pequenas de medicamentos (§§ 275-287), necessárias nesse método de tratamento, que, pela semelhança de seus sintomas, são apenas suficientes para vencer e remover da sensação do princípio vital a moléstia natural semelhante, certamente resta, às vezes, após a destruição desta última, a princípio certa quantidade de doença medicinal só no organismo, mas, em virtude da extraordinária pequenez da dose, é tão passageira, tão pequena, que desaparece rapidamente por si, que a força vital não precisa empregar, contra esse distúrbio artificial da saúde, reação que seja mais forte que o necessário, para elevar seu estado atual de saúde ao ponto saudável (isto é, para realizar uma cura completa); para o que, após a extinção da antiga perturbação mórbida, apenas se requer um esforço muito pequeno (§ 64, b)". (Hah. Organon 6<sup>a</sup> ed. §68)*<sup>16</sup>.

Com relação ao medicamento único, Hahnemann, quando abandonou a prática médica, uma de suas desilusões da medicina em voga, que o levou a isto, eram as prescrições médicas, compostas de receitas com vários medicamentos, geralmente um principal e muitos outros com a função de base, adjuvante, corretivo, como excipiente etc. Estas formas de prescrições eram para ele incoerentes e, foi por ele combatida desde antes até

---

<sup>14</sup> Assim fica evidente o tratamento antípatico (pelos contrários); no caso acima se o indivíduo tomasse algo que produzisse sono em sua ação (por semelhança) ele reagiria num segundo momento com insônia.

<sup>15</sup> Grifo meu.

<sup>16</sup> Exemplos de (b) são os casos de dessensibilização, descritos por Maffei de forma mais didática; segundo ele, as moléstias (as manifestações clínicas) são fenômenos de hipersensibilidade, resultado do choque antígeno x anticorpo nos tecidos dos órgãos meioprágicos, sendo por isso, que a cura consiste na dessensibilização desses órgãos.

o final do desenvolvimento de seu sistema médico, a Homeopatia<sup>17</sup>.

- “Aqui a questão se levanta: Convém misturar muitos tipos de medicamentos numa única prescrição; receitar banhos, clisteres, flebotomias, vesicatórios, fomentações e unções, todos de uma vez, ou um após ou outro em rápida sucessão, se nós desejamos levar a ciência da medicina à perfeição, realizar curas, e determinar com certeza em todo caso qual efeito os medicamentos empregados produzem, a fim de nos capacitarmos a usá-los com igual sucesso, ou ainda maior, em casos semelhantes?

A mente humana é incapaz de apreender mais do que um assunto por vez – ela quase nunca consegue assinalar para cada uma de duas forças atuando ao mesmo tempo em um objeto sua devida proporção de influência em desencadear o resultado; como, então, nós podemos esperar alguma vez levar a ciência médica a um grau maior de certeza, se deliberadamente combinamos um número grande de diferentes forças para agirem contra uma condição mórbida do organismo, enquanto estamos a miúdo pouco familiarizados com a natureza desta última, e somos senão indiferentemente versados na ação separada das partes componentes das primeiras, muito menos com a ação combinada delas?

Quem pode dizer com segurança, que o adjuvante ou o corretivo na prescrição complexa não age como a base, ou que o excipiente não muda todo o caráter da mistura? O ingrediente principal, se ele for o correto, carece de uma adjuvante? Diz muito para sua adequação se ele requer um corretivo? Ou por que ele necessita da ajuda de um diretor? “Eu pensei completar a matizada lista, e assim satisfaria as exigências da escola!” exclama o médico.

O ópio misturado com ipecacuanha causa sono, porque o excipiente na receita foi investigado com a dignidade do ingrediente principal? A ipecacuanha aqui faz o papel da base, do adjuvante, do corretivo, do diretor, ou do excipiente? Ela provoca vômitos porque o presribente deseja?

Eu não tenho hesitação em afirmar que sempre que dois medicamentos são misturados, eles quase nunca produzem cada um sua própria ação no organismo, mas uma quase sempre diferente da ação de ambas separadamente – uma ação intermediária, uma ação neutra – se me for permitido emprestar a expressão da linguagem química.

Quanto mais complexas nossas receitas, mais obscuro ficará na medicina. (Hael, Escritos Menores - SÃO OS OBSTÁCULOS PARA A CERTEZA E A SIMPLICIDADE NA MEDICINA PRÁTICA INTRANSPONÍVEIS, 1796 - Hahm.)

Assim também escreve na sua última edição do Organon, publicação póstuma:

“-Em nenhum caso sob tratamento é necessário e, portanto, permissível administrar a um paciente mais de uma única e simples substância medicinal de uma vez. É inconcebível possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais de acordo com a natureza e mais racional, prescrever um único, simples medicamento bem conhecido de (\*)<sup>18</sup> cada vez em uma doença, ou a mistura de diversas drogas. Não é absolutamente permissível em Homeopatia, a única verdadeira, simples e natural arte de curar, dar ao

<sup>17</sup> E vemos o absurdo das prescrições dos ditos homeopatas, indicando vários medicamentos separados para serem tomados uns após os outros no mesmo espaço de tempo, ou misturando-os todos na forma de complexo, inclusive sendo esta forma adotada na FHB.

<sup>18</sup> (\*) Quando o médico sensato escolheu o remédio homeopaticamente perfeito para o caso da doença, que estudou minuciosamente, e administrou-o internamente, deixará à rotina allopática a prática de dar chás, um saquinho de ervas ou banho de ervas diferentes, de injetar clisteres medicinais e de passar essa ou aquela pomada.

*paciente duas substâncias medicinais diferentes de uma vez.”*

*“-Como o verdadeiro médico encontra nos medicamentos simples, administrados exclusivamente e sem estarem combinados, tudo o que possa desejar (forças de moléstias artificiais que são capazes, por seu poder homeopático, de vencer, extinguir e curar de modo completo e permanente as doenças naturais), ele jamais, conhecedor do sábio provérbio que reza ser “errado tentar empregar meios múltiplos quando bastam os simples”, pensa em dar como medicamento qualquer substância que não seja simples e única; também por estas razões, porque muito embora os medicamentos simples fossem inteiramente experimentados, quanto a seus efeitos puros peculiares no indivíduo são, é ainda impossível prever como duas ou mais substâncias medicinais poderiam, conjugadas, mutuamente alterar e obstar as ações de cada uma no organismo humano; e porque, por outro lado, uma substância medicinal simples, quando usada em doenças, sabendo-se a totalidade dos sintomas, presta ajuda eficiente por si só, se for homeopaticamente escolhida; e supondo que o pior aconteça, que não foi escolhida rigorosamente de acordo com a semelhança de sintomas, não servindo, portanto, é ainda tão útil, por promover nosso conhecimento de agentes terapêuticos, porque, pelos novos sintomas excitados por ela em tais casos, os sintomas que esta substância medicinal já havia demonstrado em experiências, na saúde do corpo humano, se confirmam, vantagem esta que é perdida pelo emprego de todos os remédios compostos (\*)<sup>19</sup>. ” (Hahn, §273/274 – 6ª ed. Organon).*

Quando o indivíduo adoece, ele faz uma moléstia por vez, fato esse que levou tanto Hahnemann como outros médicos mais antigos, assim como alguns médicos contemporâneos a desenvolver o axioma de que se o indivíduo não consegue desenvolver duas moléstias ao mesmo tempo, quando expostos á elas ou, uma delas impede que ele contraia a outra, como no caso da profilaxia, ou a mais forte, porém de

---

<sup>19</sup> (\*) Duas substâncias opostas, unidas em sais neutros e médios por afinidade química em proporções invariáveis, bem como metais sulfurados encontrados na terra, e os produzidos por meios técnicos em proporções sempre constantes de combinações de enxofre com sais e terras alcalinas, (por exemplo, *Natrum sulf.* e *Calcarea sulf.*), bem como os éteres produzidos pela destilação de álcool e ácidos, podem juntamente com o fósforo ser considerados como substâncias medicinais *simples* pelo médico homeopata e usados em pacientes. Por outro lado, os extratos obtidos por meio de ácidos dos chamados alcalóides de plantas, são sujeitos a grande variedade em sua preparação (por exemplo, o quinino, a estricnina, a morfina), e não podem, portanto, ser aceitos pelo médico homeopata como medicamentos simples inalteráveis, sempre os mesmos, principalmente porque ele tem, nas próprias plantas em sua composição natural (quina, noz vômica, Opium), todas as qualidades necessárias para curar. Além disso, os alcalóides não são os únicos constituintes das plantas.

carácter diferente suspende a primeira, que volta após o término daquela, ou a segunda de carácter semelhante cura a primeira.

Estes fatos mostrados por Hahnemann em seu Organon para explicar a Lei dos Semelhantes, mostram também que se o indivíduo só faz uma moléstia por vez, então, ele precisa de apenas um medicamento por vez, já que este medicamento é capaz de desenvolver uma moléstia artificial em um indivíduo pré-disposto, com todas as características de uma moléstia natural, como o demonstram as suas experimentações nas pessoas saudáveis.

Medicamentos dados misturados como no complexo, age como uma terceiro medicamento completamente diferente dos medicamentos envolvidos na fórmula, quando dados separadamente, fato esse comprovado pelas preparações hahnemanianas, aludidas na nota acima (20), de carácter completamente diferentes, mas que servem de analogia aos complexos; o Hepar sulphuris, por exemplo, provocam sintoma diferentes, tanto da calcarea, quanto do enxofre, sendo que, para os complexos não existem uma experimentação, mas apenas a ideia de que cada substância de sua formulação irá agir sobre um determinado sintoma, ou parte do organismo como num tropismo, fato esse nunca observado, não passando de especulações teóricas, o que não se deveria aplicar à Homeopatia, cujas bases são de carácter experimental e de observação.

## **Capítulo III –**

Mais um princípio fundamental: O Vitalismo;

Corolários: A totalidade individual.

Dinamização. (Dinamização x Atenuação).

Escalas: Centesimal x Cinquenta Milesimal.

*- “No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa*

*existência.”*

- “*O organismo material, destituído da força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma auto conservação<sup>20</sup> (\*); é somente o ser imaterial, animador do organismo material do estado sã e no estado mórbido (o princípio vital, a força vital), que lhe dá toda sensação e estimula suas funções vitais.*”(Hahn. – §9/10 Organon – 6<sup>a</sup> ed. póstuma).

O que caracteriza a matéria é a energia, por exemplo, se em um balão de vidro encontra-se hidrogênio e oxigênio, nas proporções da água, só se terá água ali, se houver uma descarga elétrica, nas condições apropriadas, gerando uma energia de ligação entre as moléculas dos elementos em questão, ou seja, o que caracteiza a água é essa energia de ligação. Assim o corpo sem a energia vital é apenas um cadáver, não a vida ali, nem uma unidade material, já que, logo ele se desfaz em seus constituintes elementares.

O vitalismo, para Hahnemann, não era uma teoria formulada pelo pensamento especulativo, que servisse a uma opinião filosófica, para a explicação da vida ou de seus fenômenos<sup>21</sup>, nem mesmo ele usou o termo Vitalismo em nenhuma parte de sua obra. O termo utilizado por ele foi o *Princípio Vital, como observação da causa fundamental, tanto das manifestações fisiológicas, como das patológicas:*

- “*Quando eu chamo doença uma disposição ou uma perturbação do estado de saúde do indivíduo, estou longe de querer dar uma explicação hiperfísica da natureza interna das doenças em geral, ou de cada doença em particular. Com esta expressão quero significar que as doenças não são evidentemente, nem podem ser, perturbações mecânicas ou químicas da substância material do corpo físico, que elas não dependem de um agente patogênico material, mas são alterações dinâmicas e de natureza espiritual da vida*”.(Hahn. - §31 nota, 6<sup>a</sup> Organon).

Para Hahnemann existe um princípio vital de onde emana a força (vital) que rege as manifestações fisiológicas, quando em harmonia e, é responsável pelos fenômenos mórbidos, quando e desarmonia, devido, ao desequilíbrio deste princípio vital, que é o poder dinâmico que anima o nosso corpo e, que junto com ele constitui uma unidade, sem que um possa existir sem o outro, constituindo assim a totalidade individual:

---

<sup>20</sup> (\*) *Ele está morto e submisso apenas ao poder do mundo físico exterior; apodrece e se dissolve novamente em seus componentes químicos.*

<sup>21</sup> Uma teoria com uma finalidade explicativa pode ser derrubada com a síntese da uréia, já que uma de suas bases era que as substâncias orgânicas não pudessem ser sintetizadas por substâncias inorgânicas.

- “A afecção do dinamismo (força vital) de natureza espiritual, que anima nosso corpo no interior invisível, morbidamente perturbado, bem como todos os sintomas exteriormente observáveis por ele produzidos no organismo, e que representam o mal existente, constituem um todo, um e o mesmo. O organismo é, na verdade, o instrumento material da vida, não sendo, porém, concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regularizador, tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo, consequentemente, os dois juntos constituem uma unidade, embora em pensamento, nossas mentes separem essa unidade em dois conceitos distintos para mais fácil compreensão.” (Hah. 15, 6ª Ed. Organon).

Os mecanismos de defesa, dos animais, só reagem a um antígeno por vez, fazendo a localização do processo em órgãos sensíveis, o que constitui a moléstia, centro responsável pelos sintomas que constituem a expressão da doença, que por sua vez é o desequilíbrio das forças do indivíduo. Assim no caso das doenças infecciosas, por exemplo, uma vez o indivíduo infectado, num primeiro momento não acontece manifestação alguma, precisando, um certo tempo, variável para cada indivíduo e, para cada tipo de antígeno, algumas vezes, caracterizando uma determinada moléstia, para que estas manifestações aconteçam. Esse tempo é chamado período de incubação, e que consiste no tempo que leva para esse indivíduo adoecer como um todo, para depois de dentro para fora surgir à moléstia, a expressão da doença.

Esse período de incubação é o tempo que leva para os anticorpos entrarem em choque com os抗ígenos, que constitui a Alergia, a reação modificada do organismo, e essa reação é do organismo como um todo.

O modo de difusão das moléstias infecciosas no organismo, algumas vezes parece ser localizado, como uma simples espinha no rosto, mais inicialmente é uma bacteriemia e só depois é que se localiza, ou seja, primeiro o organismo precisa sofrer como um todo, para só depois ele colocar em jogo seus mecanismos defensivos fazendo a localização do processo, criando a moléstia como um ponto de equilíbrio possível.

Esse é o caso das doenças miasmáticas<sup>22</sup> para Hahnemann como a sarna, por exemplo:

“A infecção com as três únicas doenças miasmáticas crônicas conhecidas, em geral, não requer mais do que um único momento; mas o desenvolvimento deste foco (tinder) da infecção, para que ela se torne uma doença geral do organismo inteiro, precisa de um tempo maior. Não antes que haja decorrido um certo número de dias, ao longo dos quais a doença miasmática tenha recebido seu desenvolvimento interno

---

<sup>22</sup> Miasma: termo utilizado por Hahnemann, como um dos momentos etiológicos das doenças.

*completo na pessoa inteira, não antes disso, oriundo da totalidade do sofrimento interno, irrompe o sintoma local destinado pela bondosa natureza a assumir para si, em certo sentido, a doença interna e nesta medida desviá-la de maneira paliativa e atenuá-la, a fim de que não possa ter condições de lesar e de pôr em risco demasiado a economia vital. O sintoma local tem lugar na parte menos perigosa do corpo, o revestimento externo e, ainda, naquela parte da pele em que, durante a infecção, o miasma haja tocado os nervos mais próximos.”* (Hahm. - Doenças Crônicas – 2<sup>a</sup> ed. 1835).

Portanto, por mais que o processo pareça localizado, o organismo está sempre sofrendo como um todo, e de forma individual, ou seja, cada um faz a sua própria moléstia, cada um tem sua maneira peculiar de reagir:

*“O fato de que este agente infeccioso muito antigo tem passado gradativamente, por centenas de gerações, através de milhões de organismos humanos, havendo atingido, assim, desenvolvimento incrível, permite, de certa forma, conceber-se como pode agora apresentar tantas formas mórbidas na grande família humana, principalmente quando consideramos o número de circunstâncias que contribuem para a produção dessa grande variedade de males crônicos (sintomas secundários da Psora) além da diversidade indescritível de homens em relação a suas constituições físicas congênitas<sup>23</sup>, de modo que não é de admirar que tal variedade de agentes nocivos em ação no organismo, de fora e de dentro, e, às vezes, continuamente, em tal variedade de organismo impregnados de miasma psórico, devesse produzir variedade incontável de defeitos, afecções, perturbações, que até agora têm sido tratados nas antigas obras sobre patologia<sup>24</sup> (\*\*), sob diversos nomes especiais, como males independentes.”* (Hah. §81 Organon 6<sup>a</sup> Ed.).

A observação do todo individual feita por Hahnemann, é um dos fundamentos da Homeopatia em particular e, da Medicina em geral, pois não é possível fazer tratamento algum sem observar este princípio, pois não é um produto da imaginação do criador da homeopatia, mas sim, mais uma vez fruto da sua observação do modo de reagir das pessoas, sefa fisiológicamente, ou patologicamente, como observa Maffei em seu livro Os Fundamentos da Medicina:

- “... a fisiopatologia das doenças, que constitui a sintomatologia clínica, depende exclusivamente do modo do organismo reagir e não da causa que a determinou, nem tampouco da lesão anatomo-patológica; o mesmo se verifica em relação à ação dos medicamentos.” (Maffei, Os Fundamentos da Medicina vol. 2).

Uma vez que, a doença é o desequilíbrio da energia vital, decorrente da ação de um agente nocivo sobre o organismo pré-disposto, a ação dos medicamentos também age nessa energia vital, como uma contra infecção e, estes são constituídos apenas pelo poder dinâmico das substâncias medicamentosas, isto é, a energia medicamentosa agindo sobre a energia vital:

*“Nossa força vital, com um poder dinâmico, não pode ser atacada e afetada por influências danosas sobre o organismo sadio, causadas por forças estranhas, maléficas que perturbam o jogo harmonioso da vida, de forma que não seja imaterial (dinâmica),*

---

<sup>23</sup> Grifo meu.

<sup>24</sup> Se, contudo, julgar-se necessário, às vezes, empregar-se o nome das doenças, a fim de nos fazermos compreender em poucas palavras, quando estivermos falando de determinado paciente a outras pessoas, devemos somente referir-nos a elas pelos seus nomes coletivos, e dizer-lhes, por exemplo, que o paciente tem uma *espécie* de doença de São Vito, uma *espécie* de hidropsia, uma *espécie* de tifo, uma *espécie* de malária; mas ( para evitar de uma vez por todas as noções errôneas que tais nomes possam dar ) jamais devemos dizer que ele tem a doença de São Vito, que ele tem tifo, hidropsia, malária, visto não existirem doenças desse nome ou semelhantes de caráter fixo invariável.

*e, do mesmo modo, todas essas perturbações mórbidas (moléstias) não podem ser afastadas pelo médico a não ser por meio dos poderes alterativos, imateriais (dinâmicos, virtuais) dos remédios em uso que agem sobre a força vital dinâmica, que os percebe por meio da faculdade sensitiva dos nervos que se acham em todo o organismo. De modo que somente por sua ação dinâmica sobre a força vital os remédios podem restabelecer, e realmente restabelecem, a saúde e a harmonia vital; depois que as alterações na saúde do paciente, perceptíveis por nossos sentidos (a totalidade dos sintomas) revelaram a moléstia ao médico atentamente observador e investigador, tão amplamente quanto foi necessário de modo que lhe permitisse a cura.”* (Hahn. §16, 6<sup>a</sup> Ed. Organon).

Seguindo esse raciocínio, Hahnemann cria o processo para liberar o poder dinâmico, curativo, das substâncias medicamentosas, que é a Dinamização:

*“O método homeopático de cura desenvolve, para seu uso especial, a um grau até agora nunca visto, os poderes medicinais como que espirituais das substâncias cruas mediante um processo que lhe é peculiar, e que até agora jamais foi tentado, somente pelo qual eles todos se tornam imensurável e penetrantemente eficazes, mesmo os que no estado cru não dão provas da menor ação medicamentosa sobre o corpo humano. Esta mudança notável nas qualidades dos corpos naturais desenvolve os poderes dinâmico) latentes, até agora despercebidos, como se estivessem adormecidos, ocultos, que afetam o princípio vital, e alteram o bem-estar da vida animal.*

*Isto se obtém por ação mecânica sobre suas menores partículas, esfregando e sacudindo (pelo acréscimo de uma substância indiferente seca ou líquida, separam-se uma da outra). Este processo chama-se dinamização (desenvolvimento do poder medicinal) e os produtos são dinamizações ou potências, em graus diversos.* (Hah., §269 6<sup>a</sup> Ed. Organon).

Portanto, que caracteriza os medicamentos, não é a parte material das substâncias medicinais, mas sim, o seu poder dinâmico, que é perceptível somente em contato com a matéria viva, isto é, na ação ou reação do indivíduo em contato com ele. Assim, o medicamento homeopático não possui cheiro, sabor, cor, pH, peso específico etc., ou seja, não pode ser analisados através das características organolépticas ou físico-químicas, sendo estas análises cabíveis apenas ao veículo utilizados para estes medicamentos, água açúcar, álcool. Assim se forem feitas tais análises, o resultado satisfatório do estado destes veículos podem não significar nada, por exemplo, o medicamento exposto a uma alta temperatura estará inativo, porém o veículo em

perfeito estado. Portanto ao lidar com medicamentos homeopáticos é preciso cuidados especiais, desde a obtenção da matéria prima, cuja elaboração deve ser reproduzida na íntegra à do experimentador, desde ao processo de dinamização em si, que deve ser, na íntegra àquele proposto por Hahnemann, para que o produto final seja o mesmo daquele descrito nas patogenesias medicamentosas.

A Dinamização foi desenvolvida através da observação das atenuações, que Hahnemann fazia nas substâncias medicinais a fim de diminuir, as doses medicamentosas, para serem administradas aos pacientes sem os inconvenientes causados pelas grandes doses.

Hahnemann usou as simples atenuações como método de preparo para os medicamentos homeopáticos, entre os anos de 1818, com o desenvolvimento das triturações, no preparo de Aurum metallicum, quando ele pode observar com mais clareza a ação do atrito entre as moléculas da substância medicamentosa o desenvolvimento da força medicamentosa, e 1824, nas introduções de Arsenicum album e Pulsatilla, onde ele escreve de forma definitiva as preparações não só como atenuações, mas também como dinamizações.

É no ano de 1827, que aparece pela primeira vez, na introdução do VI volume da Matéria Médica Pura, no artigo sobre o poder das pequenas doses, a explicação e defesa da Dinamização:

*“... ‘Se uma gota de um tal medicamento altamente atenuado’, assim eles falam, ‘consegue ainda agir, então a água do lago de Genebra, dentro do qual uma gota do medicamento mais forte caiu, deve mostrar tanto poder curativo quanto em cada uma de suas gotas separadas, de fato muito mais, vendo que nas atenuações homeopáticas uma proporção muito maior de fluido atenuado é usado.’”*

*A resposta para isto é que na preparação das atenuações medicamentosas homeopáticas, uma parte pequena de medicamento não é simplesmente adicionada à uma quantidade enorme de fluido não-medicamentoso, ou apenas levemente misturado com ele, como na comparação acima, a qual tem sido maquinada a fim de verter escárnio sobre a questão, mas, pela succussão ou trituração prolongadas, aí resulta não somente a mais íntima mistura, mas ao mesmo tempo – e esta é a mais importante circunstância – aí resulta como que uma grande, e até aqui desconhecida e não sonhada mudança, pelo desenvolvimento e liberação dos poderes dinâmicos da substância medicinal assim tratada, de forma a provocar admiração.”* (COMO PODEM PEQUENAS DOSES DE UM MEDICAMENTO TÃO ATENUADO, COMO A HOMEOPATIA EMPREGA, AINDA POSSUIR GRANDE PODER?, Matéria Médica Pura, Vol. VI, 2<sup>a</sup> edição, 1827).

Hahnemann observou ainda por muitos anos a questão, das atenuações e da dinamização, fazendo e anotando diversas observações a respeito do assunto, sendo que, primeiramente as dinamizações eram também atenuações, os conceitos ainda se confundiam, principalmente devido à forma de administração dos medicamentos aos pacientes necessitados de cuidados que interferia diretamente quanto ao número de succussões empregadas no

preparo destes medicamentos. Assim ele, de acordo com forma de administração, mudou diversas vezes o número de sucussões, 2, 10, 20<sup>25</sup> etc.

Até a 4<sup>a</sup> Ed. Do Organon, ele prescrevia os medicamentos na forma de glóbulos e esperava até o término da ação do medicamento, sendo que raramente prescrevia a mesma medicação em casos crônicos. Parece que nesta época ele usava a potencia e o número de sucussões de acordo com cada paciente e cada medicamento, geralmente, parecia usar no mínimo 5 ou 10 sucussões.

Na 5<sup>a</sup> Ed. do Organon ele faz uma observação passando a duas sucussões somente:

*“(\*) Com o fim de manter um padrão fixo e uniforme do aumento de poder dos medicamentos líquidos, múltiplas experiências e cuidadosa observação levaram-me a adotar duas sucussões para cada frasco, de preferência ao número maior primeiramente empregado (pelo qual os medicamentos eram demasiadamente potencializados. Há, entretanto, homeopatistas que, nas suas visitas aos pacientes, carregam consigo os remédios homeopáticos em estado fluido e não obstante asseveram que eles não se tornam potencializados com o tempo, mostrando assim serem incapazes de observar corretamente. Dissolvi num frasco um grão de soda em meia onça de água misturada com álcool – o frasco ficou cheio até os dois terços e sacudi essa solução continuadamente por meia hora: o fluido, em energia e potência, equiparou-se ao trigésimo aumento de poder.” (Hah. §270, nota; 5<sup>a</sup> Ed. Organon).*

Essas observações se referem ao uso do medicamento preparado com muitas sucussões em casos onde os pacientes eram mais sensíveis:

*“Isso é tão verdade que nós devemos agir com moderação a fim de evitar aumentar os poderes dos medicamentos até um grau desmedido através de uma trituração dessas. Uma gota de drósera na 30<sup>a</sup> diluição sucussionada com vinte golpes do braço em cada diluição, dada como uma dose para uma criança sofrendo de tosse coqueluchóide, coloca em risco sua vida, considerando que, se os frascos de diluição são sucussionados somente duas vezes, um glóbulo do tamanho de uma semente de papoula umedecido com a última diluição cura-a prontamente.” (Dudgeon, Escritos Menores, Hahnemann, artigo sobre as pequenas doses, 1825.)*

Desde 1824, na introdução da patogenesia de Arsenicum, Hahnemann, atenua as preparações dinamizadas na forma de glóbulos, não apenas com o objetivo repartir as gotas da solução medicamentosa, mas, além disso, não permitir que ela continue aumentando sua força dinâmica, quando transportadas ou manipuladas no estoque de dispensação, quando acondicionadas na forma líquida, como ele observa no texto do Organon acima descrito. Assim fica registrado que os glóbulos como unidade medicamentosa, não é uma exclusividade da escala Cinquenta Milesimal, mas, já era utilizado como tal na escala Centesimal:

---

<sup>25</sup> A dificuldade de interpretação a respeito deste assunto levou às diversas escolas de vários países a aplicar diferentes números de sucussões no preparo dos medicamentos, na escala centesimal. A Farmacopéia Brasileira 1<sup>a</sup> Ed., por exemplo, aplicava 20 sucussões.

*“É muito melhor fazer uma quantidade de glóbulos assim saturados com a tintura para fins de dispensário do que umedecer um glóbulo toda vez que é exigido, pois através deste processo o frasco deve ser freqüentemente inclinado para um lado, o que leva a tornar-se mais altamente potencializado, quase tanto quanto as agitações seguidas o fariam.*

*Um tal glóbulo é uma dose suficiente para a administração em todos os casos de doenças para os quais o arsênico é apropriado. Esta dose pode, se necessário, ser repetida em intervalos adequados, à despeito da circunstância de que sua ação perdura por muitos dias.”* (Hah. Introd. Ars. 1824 2<sup>a</sup> Ed, vol. II 2<sup>a</sup> Ed. MMP).

O problema quanto ao número de sucussões e a forma de administração dos medicamentos foram uma constante para Hahnemann, só terminando com a 6<sup>a</sup> ed. Do Organon.

Dinamização é sucussão + diluição = potência, sendo que, se até agora só foram discutidas as sucussões, Hahnemann também se poisa a rever a questão das diluições. Quando ele passou aos glóbulos como unidade medicamentosa, considerou as potências como produtos não diluídos e, a partir de 1835, com a 2<sup>a</sup> ed. do livro As Doenças Crônicas ele começa a fazer uso das diluições (atenuações) para a administração dos medicamentos:

*“Nos casos em que o médico está seguro quanto ao específico homeopático a ser usado, a primeira dose atenuada pode também ser dissolvida em cerca de quatro onças (113gramas) de água mexendo-a\*, sendo que um terço pode ser bebido de imediato e a segunda e terceira porções nos dias subseqüentes; mas a cada vez deve ser novamente mexida a fim de aumentar a potência e portanto modificá-la. Deste modo, o remédio parece adquirir um impacto mais profundo no organismo e acelerar a recuperação nos pacientes que são vigorosos e não demasiadamente sensíveis.”* (Hahn. Nota 130 Doenças Crônicas).

No trecho acima é a primeira vez que é mencionada a diluição para a administração dos medicamentos e, foram feitas através da diluição dos glóbulos impregnados com a potência medicamentosa.

A partir do ano de 1837 no prefácio ao III vol. Do mesmo livro, Hahnemann passa a administrar os glóbulos medicamentosos apenas em solução, como forma de atenuar as doses e, com essa nova experiência, passa a sucussionar mais vezes o frasco nas dinamizações, separando definitivamente o conceito de Dinamização e Diluição:

*“Desde a última vez em que me dirigi ao público sobre nossa arte de curar, entre outras coisas, tive também a oportunidade de ganhar experiência quanto ao melhor meio possível de administrar as doses dos medicamentos aos pacientes e, neste momento, comunico o que de melhor descobri a esse respeito.”*

*“A experiência tem-me demonstrado, como sem dúvida deve ter também demonstrado à maioria de meus seguidores, que o mais útil nas doenças de qualquer magnitude (sem excetuar mesmo as mais agudas e, ainda mais, no caso das meio agudas, na prolongada e na mais prolongada) é dar ao paciente o glóbulo ou glóbulos homeopáticos poderosos apenas em solução e, esta solução, em doses divididas.”*

*“Quando eu ainda estava administrando os medicamentos em porções inteiras (undivided), cada uma delas com um pouco de água por vez, muitas vezes notava que a potencialização, nos frascos de atenuação, efetuada por dez movimentos de agitação, era demasiada forte (isto é, a ação medicamentosa estava excessivamente desenvolvida) e, portanto, eu aconselhava apenas duas sucussões. Porém, ao longo dos últimos anos, desde que venho administrando todas as doses dos medicamentos em*

*soluções não perecíveis, divididas pelo prazo de quinze, vinte ou trinta dias e até mais, não encontrei mais potencializações demasiado fortes nos frascos de atenuação e uma vez mais uso dez sucussões em cada um. Neste momento, por conseguinte, retiro o que escrevi a este respeito há três anos, no primeiro volume deste livro, à pág. 149.”* (Hahn. Vol III, 1837 Doenças Crônicas).

A última modificação na maneira de preparo dos medicamentos homeopáticos na escala centesimal ainda foi à questão dado número de sucussões, sendo estes aumentados ainda mais e, novamente chamando a atenção com relação à diferença entre as simples diluições e dinamização, já que da falta do entendimento destes conceitos, dos médicos homeopatas de então, havia uma grande discussão de qual potência usar, altas ou baixas, em tal ou qual casos, agudos ou crônicos<sup>26</sup>:

*“Freqüentemente, lemos em livros homeopáticos que, no caso desta ou daquela pessoa num determinado quadro de doença, uma dinamização (diluição) alta de um medicamento não teve qualquer utilidade, mas uma potência menor mostrou-se eficiente, ao passo que outros obtiveram melhor resultado em potências maiores. Mas ninguém investiga em tais casos a causa da grande diferença destes efeitos. O que impede o preparador dos medicamentos (e este deveria ser o próprio médico homeopata; ele mesmo deveria forjar e afiar as armas com as quais combate a doença), no preparo de uma potência, de aplicar 10, 20, 50 ou mais sucussões sobre um corpo relativamente duro e elástico, a cada frasco contendo uma gota da menor potência com 99 gotas de álcool<sup>21</sup>, a fim de obter potências elevadas (strong)? Isto seria enormemente mais eficaz do que dar apenas algumas débeis sucussões que produzirão pouco mais do que diluição, o que não deveria ser o caso.”* (Hahn. Vol III, 1837 Doenças Crônicas).

As suas últimas conclusões a respeito destes fatos culminaram no desenvolvimento da Escala Cinquenta Milesimal, onde são dados números finais as sucussões, como 100 sucussões e, a diluição é aumentada de 1/100, para 1/50 000.

A Escala Cinquenta Milesimal é descrita na 6<sup>a</sup> Ed. do Organon, cuja pulicação foi póstuma, quase 100 anos após sua morte. Neste livro é confirmada a idéia de que a preparação inicial para o processo de Dinamização é a partir da trituração, aconselhamento este feito desde 1835, na 2<sup>a</sup> Ed. do seu livro Doenças Crônicas, com relação, ainda à Escala Centesimal:

*“Nesta preparação, peculiar à Homeopatia, tomamos um grão em pó de qualquer uma das substâncias tratadas nos seis volumes de Matéria Médica Pura e especialmente daquelas substâncias antipsóricas... Também com os sucos recém-espremidos das ervas o melhor é colocar imediatamente uma gota do mesmo junto com igual quantidade de açúcar de leite, tal como se dá na preparação dos outros medicamentos, para triturá-lo ao milionésimo grau de atenuação e, a seguir, um grão desta atenuação é dissolvido em partes iguais de água e álcool e deve ser potencializado numa posterior dinamização através dos vinte e sete frascos de diluição, por meio de duas sucussões. Os sucos frescos parecem adquirir deste modo mais dinamização, como ensina a experiência, do que quando o suco, sem qualquer preparação pela trituração, é simplesmente diluído em trinta frascos de álcool e potencializado cada vez com duas sucussões.”* (Hahnemann Artigo “Os Medicamentos” 2<sup>a</sup> Ed. 1835, Doenças Crônicas.)

*“A fim de obter da melhor maneira esse desenvolvimento da potência, uma pequena parte da substância a ser dinamizada, por exemplo, um grão é triturado*

<sup>26</sup> Notem que esses fatos já haveriam de ser esclarecidos por estudiosos mais atentos, desde a observação de Hahnemann, citada acima, no caso de Drosera em um caso de coqueluche, em 1825. O fato que a confusão entre atenuações e dinamizações propriamente ditas continua até os dias de hoje, onde médicos dão altas potências em casos agudos, se justificando em Hahnemann, que usava a C30 tanto em casos agudos como em crônicos; mas quantas sucussões ele dava nessa época?

*durante três horas com três vezes cem grãos de açúcar de leite, de acordo com o método descrito abaixo(\*) até à milionésima parte em forma pulverizada.”* (Hahn, §270 6<sup>a</sup> ed. Organon).

O fato de, ainda serem utilizadas Tinturas MÃes no preparo de medicamentos na Escala Centesimal, no Brasil, é devido à impossibilidade de se adquirir as plantas, que para nós, a maioria são exóticas, em qualquer um dos graus de trituração sendo, as Tinturas por sua vez facilmente importadas. Essa dificuldade não era encontrada por Hahnemann, como fica demonstrado em sua correspondência com Hering, onde ele solicita o terceiro grau de trituração do medicamento Lachesis. No entanto, com relação à Escala Cinquenta Milesimal, partir das TM, não corresponde ao método, já que desde o início de sua descrição é utilizada a trituração.<sup>27</sup> Portanto o correto é importar a medicação nas potências mais baixas possíveis.

Além, de aumentar a diluição e, com relação às sucussões empregadas nas soluções, fixadas em 100,<sup>28</sup> para a Escala Cinquenta Milesimal, estas também devem ser mais fortes, em contra posição na Centesimal, que eram aconselhadas sucussões com força apenas moderada.

*“Uma vez que a sucussão acontece somente por meio de golpes moderados<sup>29</sup> do braço, cuja mão segura o frasco, é melhor escolher frascos cujo tamanho seja tal que dois terços de sua capacidade sejam preenchidos com 100 gotas do medicamento atenuado.”* (Hahnemann 2<sup>a</sup> Ed. 1835 D.C.).

*“De acordo com as primeiras instruções, devia-se levar sempre uma gota do líquido de uma potência menor para 100 gotas de álcool para uma potencialização mais elevada. Esta proporção do medicamento, de atenuação ao medicamento a ser dinamizado (100:1) foi julgada demasiado reduzida para poder desenvolver completamente e a um grau elevado o poder do medicamento, sacudindo-se uma porção de vezes sem se empregar muita força, fato este que experiências cansativas me levaram a crer.*

*Mas, se se tomar apenas um desses glóbulos, dos quais 100 pesem um grão, dinamizando-o com 100 gotas de álcool, obter-se-á uma proporção de 1 para 50.000 e maior, pois 500 desses glóbulos mal podem absorver uma gota para a sua saturação. Como esta razão desproporcionada é mais elevada, entre o medicamento e o meio de diluição, muitas sacudidas sucessivas do frasco cheio a dois terços de sua capacidade,*

<sup>27</sup> Triturar as TM, como ensina a FHB, não está correto e não passa do “jeitinho brasileiro” para resolver os problemas.

<sup>28</sup> Na centesimal nunca foram sugeridas 100 sucussões, porém este número ficou em aberto, como descrito pouco acima, o número fixado em cem sucussões foi sugerido, aqui no Brasil, pó David Castro, para uniformizar de acordo com a 6<sup>a</sup> Ed.

<sup>29</sup> Grifo meu.

*com álcool, podem produzir um desenvolvimento de potência muito maior.*

*Mas, com um meio de diluição tão diminuto, com 100 para 1 do medicamento, se muitíssimas sucussões forem como que forçadas por meio de uma máquina poderosa, obtêm-se medicamentos que, especialmente nos graus mais elevados de dinamização, agem quase imediatamente, mas com violência demasiada, mesmo perigosa, especialmente em pacientes fracos, sem que haja uma reação suave, duradoura, do princípio vital. Mas o método descrito por mim, ao contrário, produz medicamentos com o maior desenvolvimento de potência, e de ação a mais suave, que, contudo, se bem escolhidos, atingem todas as partes curativamente)... Nas febres agudas, as pequenas doses dos graus menos dinamizados destes preparados muito mais aperfeiçoados, mesmo os de medicamentos de longo efeito medicamentoso (por exemplo, a Belladonna), podem ser repetidas em breves intervalos. No tratamento de males crônicos, é melhor começar com os graus de dinamização menos elevados e, quando necessário, passar para um maior, mesmo mais poderoso, mas de ação suave.”*

*– “...Este é o medicamento no primeiro grau de dinamização com que se podem, então, umedecer(\*\*\*\*\*) pequenos glóbulos de açúcar(\*\*\*\*\*\*) e espalhá-los sobre papel de filtro a fim de secar, guardando-se em um frasco arrolhado com o sinal (I) do grau de potência. Toma-se apenas um só desses glóbulos para dinamização ulterior, colocando-se em um segundo frasco (com uma gota de água a fim de dissolvê-lo) e então com 100 gotas de álcool de boa qualidade e dinamizado da mesma forma com 100 sucussões violentas.<sup>30</sup>” (Hahn. §270 6<sup>a</sup> Ed. Organon.)*

Como descrito no texto acima, nesta nova escala o tratamento das doenças crônicas, se começa pelos graus mais baixos de potência e, subindo com a continuidade do medicamento, sendo que na Centesimal se fazia uso alternados das potências e, de acordo com suas últimas instruções, uso descendentes das mesmas<sup>31</sup>.

Com relação as agravocações homeopáticas, na centesimal, estas se davam de maneiras periódicas, durante o tratamento, já na Cinquenta Milesimal estas foram observadas no término do tratamento:

---

<sup>30</sup> Grifo meu.

<sup>31</sup> Isto devido a diferença entre dinamização e diluição.

No estado de saúde esse princípio vital está em equilíbrio, manifestando sua força de maneira harmônica sobre o organismo, ou seja, não concentrando as reações em partes isoladas dando origem a manifestações alteradas nas suas sensações e funções.

No estado patológico, essas reações são localizadas,

#### Capítulo IV – Miasmas;

A teoria das Doenças Crônicas.

Doses Únicas x Doses Repetidas.

Assim podemos novamente comparar Hahnemann com Maffei:

*Do acima exposto, podemos tirar as seguintes conclusões:*

*Que tudo o que há de caráter realmente mórbido, e que deve ser curado, que o médico pode descobrir em doenças, consiste apenas nos sofrimentos do paciente, e nas alterações sensíveis em sua saúde, em uma palavra, na totalidade dos sintomas, por meio dos quais a moléstia exige o medicamento apropriado para o seu alívio; enquanto, por outro lado, cada causa interna a ela atribuída, cada qualidade oculta ou princípio morbífico material imaginário, não é mais que vã ilusão.*

*Que esta perturbação do estado de saúde, a que chamamos moléstia, somente pode ser convertida em saúde mediante outra revolução efetuada no estado de saúde por meio de medicamentos, cujo único poder curativo, consequentemente, só pode consistir em alterar o estado de saúde do homem; isto é, em uma produção peculiar de sintomas mórbidos, que são percebidos de maneira mais clara e pura, quando experimentados no organismo são.*

A partir da 5<sup>a</sup> ed. do Organon, 1833, Hahnemann começa a preconizar o uso de doses repetidas, primeiro devido aos “obstáculos à cura”, a dose única do medicamento esgotava seu efeito antes que o medicamento indicado pudesse realizar tudo o que estava em seu poder; segundo para acelerar o processo de cura. :

*“Por outro lado, a melhora – gradualmente progressiva, consequente a uma dose bem diminuta, de acurada seleção homeopático, quando não encontrou empecilho na duração da sua atuação, faz por vezes todo o bem de que o remédio é capaz em dado acaso, em períodos de quarenta, cinquenta ou cem dias. Entretanto, esse é raramente o caso. E além disso, de grande importância para o médico como para o paciente é que esse período seja, se possível, encurtado para a metade, para um quarto ou para ainda menos, de maneira que se obtenha cura muito mais rápida...”* (Hahnemann 5<sup>a</sup> ed. §246 Organon).

Porém nesta edição Hahnemann fazia a repetição de doses inalteradas (dinamicamente) surgindo assim um problema de aceitação por parte do organismo em relação às mesmas. Em longa nota deste parágrafo é colocada às maneiras pelas quais se atenuavam essas reações indesejáveis da força vital, sendo que esse problema só se iria resolver na última edição das Doenças Crônicas.

Em 1834/35 Hahnemann lança a 2<sup>a</sup> ed. das Doenças Crônicas onde ele passa a preconizar as repetições de doses, somente quando necessárias, isto é, quando os efeitos do medicamento se esgotavam, porém, ainda, este medicamento continuava a ser indicado. Possivelmente porque ele não ficou satisfeito com o resultado das repetições de doses em glóbulos, com potências inalteradas aconselhadas na quinta edição do seu Organon, mesmo com todos aqueles cuidados preconizados na nota do respectivo parágrafo. A partir desta segunda edição do seu livro Doenças Crônicas citadas acima, ele começa a resolver este problema com as repetições das doses, primeiramente com glóbulos<sup>32</sup> secos, em potências de graus diferentes e, posteriormente, com os glóbulos sempre

<sup>32</sup> Deve-se notar ainda, que os glóbulos de Hahnemann eram bem menores ( 100 vezes ou mais!) que os nossos na Centesimal, de forma que quando se faz a impregnação à 1 % se corrige esta diferença. Com relação ao receio por parte de alguns farmacêuticos, de que os glóbulos não absorvem a mesma quantidade de medicamento, não sendo assim homogêneos quando se emprega este método, é devido ao fato de não relacionarem o medicamento com a energia (Organon 11, 6 ed.), e sim com o veículo em que está impregnado. Quando se efetua a impregnação desses glóbulos no próprio vidro em que se usa para dispensá-la acontece com relação ao medicamento o mesmo que acontece quando se coloca dois corpos de temperaturas diferentes em um “sistema fechado”, neste caso há um equilíbrio térmico entre os corpos, naquele um equilíbrio medicamentoso.

diluídos e a solução mexida antes de as doses serem administradas, com a finalidade de modificá-las, fazendo assim que o organismo se adapte á elas aos poucos evitando as reações contrárias, secundárias, à medicação, o que não deveria ser o caso:

“A única exceção permissível para uma *repetição imediata do mesmo medicamento* é quando a dose de um remédio bem escolhido e adequado e benéfico em todos os sentidos tiver feito algo a título de começo de uma melhora, mas sua ação tiver cessado rápido demais, quando seu poder tiver se esgotado cedo demais e a cura não prosseguir mais adiante...” (Doenças Crônicas 2 ed. 5 ed. bras. Pág. 162), só que modificadas dinamicamente ,tanto as doses em glóbulos fazendo o uso alternado de potências:

“Se, por exemplo, ele houver sido primeiramente dado na 30<sup>a</sup>. potência, será dado agora talvez na 18<sup>a</sup>. e se se decidir que uma repetição será novamente benéfica e necessária, poderíamos posteriormente administrá-lo na 24<sup>a</sup>. e mais tarde, talvez, também na 12<sup>a</sup>. e na 6<sup>a</sup>. etc., se por exemplo a doença crônica tiver adotado um caráter agudo. Uma dose de medicamento pode também ter sido subitamente neutralizada e aniquilada por um erro grave no regime do paciente, quando talvez uma dose do medicamento útil anterior poderá ser mais uma vez dada, nas modificações acima citadas. (D.C pág. 162).

Assim como doses líquidas, com glóbulos diluídos, e a solução sempre agitada antes de cada dose:

“Antes de prosseguirmos, é importante observar que nosso princípio vital não consegue suportar que lhe seja dada, duas vezes em seguida, para um paciente, a mesma dose inalterada do medicamento e, pior ainda, se mais freqüentemente. Pois que assim procedendo, o bom efeito da dose anterior do medicamento ou é neutralizada em parte ou aparecem novos sintomas próprios ao medicamento, impedindo a cura, os quais antes não se haviam se manifestado na doença. Desta forma, mesmo um medicamento homeopático bem selecionado produz maus efeitos e satisfaz imperfeitamente ou não satisfaz em absoluto o seu propósito. Daí decorrem as muitas contradições dos médicos homeopatas com respeito à repetição de doses.”

“Mas, tomando-se repetidamente o mesmo e único medicamento (o que é indispensável para se assegurar a cura de uma doença crônica e séria), se a cada vez a dose variar e for modificada apenas um pouco em seu grau de dinamização, então a força vital do paciente irá receber calmamente e, aparentemente, de bom grado, o mesmo medicamento, inclusive a intervalos breves, muitas e muitas vezes seguidas, com os melhores resultados, aumentando de cada vez o bem-estar do paciente.”

“Esta ligeira alteração no grau de dinamização é efetuada inclusive se o frasco que contém a solução de um ou mais glóbulos for simplesmente bem agitado cinco ou seis vezes, toda vez antes de ser ingerida.”

“Depois que o médico tenha deste modo usado até terminar a solução do medicamento que assim preparou e se este continuar sendo útil, ele pegará um ou mais glóbulos do mesmo medicamento numa potência menor (por exemplo, se antes ele usou a 30<sup>a</sup>. diluição, irá agora usar um ou dois glóbulos da 24<sup>a</sup>).” (Hahnemann D.C. Prefácio 1837).

O acumulo das experiências com as doses repetidas termina com a 6<sup>a</sup> ed. do Organon, com o desenvolvimento da Escala Cinquenta Milesimal, com o mesmo parágrafo da 5<sup>a</sup> ed. porém agora modificado:

*"Cada melhora perceptivelmente progressiva e marcantemente crescente, durante o tratamento, é uma condição que, enquanto perdurar, impede completamente qualquer repetição da administração do medicamento, pois todo bem que o medicamento tomado continua a fazer, apressa-se agora para o seu êxito. Isto não é raro em doenças agudas, mas nas mais crônicas, por outro lado, uma única dose de um remédio homeopático adequadamente escolhido produzirá, às vezes, melhora gradual, lenta e progressiva, e proporcionará a ajuda que tal remédio, no caso, alcançaria naturalmente em 40, 50, 60, 100 dias. Contudo, é isto um caso raro; e, além disso, deve ser de grande importância para o médico e para o paciente que, sendo possível, se reduza tal período à metade, uma quarta parte, ou menos ainda, de modo que se obtenha uma cura ainda muito mais rápida.*

*E isto pode ser muito bem obtido, como observações recentes e diversas vezes repetidas me ensinaram, nas seguintes condições: em primeiro lugar, se o medicamento escolhido com o maior cuidado é inteiramente homeopático; em segundo lugar, se é altamente potencializado, diluído em água e dado na pequena dose adequada que a experiência me ensinou ser a mais conveniente, em intervalos definidos, para a realização mais breve da cura, mas com o cuidado de que o grau de dinamização de cada dose difira um pouco da imediatamente anterior e seguinte; de forma que o princípio vital que deve ser alterado provocando doença medicinal semelhante, não seja levado a produzir reações desagradáveis e se revolte, como sempre acontece<sup>33</sup>(\*), com doses não modificadas e repetidas com grande rapidez. (Hah. §246 Org. 6<sup>a</sup> ed.)*

Ainda deve-se observar o comentário do Dr. Galvão a respeito do assunto, com relação à agravação, de que enquanto se repete ininterruptamente o medicamento, o organismo entra numa espécie de estado enérgico sendo que, quando se suspende o uso, as agravações aparecem mais ou menos semelhante quando se dá a última dose da solução mencionada na nota 130 das Doenças Crônicas citada acima, ou mesmo com relação as doses únicas.

---

<sup>33</sup> (\*) O que disse na quinta edição do *Organon*, em longa nota deste parágrafo, para impedir estas reações indesejáveis da energia vital, foi tudo o que pude, com a experiência que tinha então. Mas durante os últimos quatro ou cinco anos, todas estas dificuldades foram totalmente vencidas por mim pelo método alterado, mais aperfeiçoado. Os mesmos remédios cuidadosamente escolhidos podem agora ser dados diariamente por meses a fio, se necessário, assim, isto é, após se haver usado durante uma ou duas semanas a dose mais fraca de potência, no tratamento de doenças crônicas, passa-se, da mesma maneira, para potências mais elevadas (pois no novo método de dinamização que foi ensinado, o uso começa com os graus mais baixos).

**Capítulo V – Um breve histórico da Homeopatia no Brasil;  
A 50 Milesimal no Brasil.**

## Capítulo VI – Conclusão.

## BIBLIOGRAFIA

Aforismos de Maffei - Publicação póstuma, 2008 – Nogueira, George W. Galvão.

Apontamentos de Doutrina Médica – A Homeopatia em 10 Anos de Clínica, 1981 – Nogueira, George W. Galvão.

A Prática da Homeopatia Princípios e Regras. Jahr, G.H.G.

Doenças Crônicas, Sua Natureza Peculiar e Sua Cura Homeopática, Hahnemann, Samuel, Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”.

Doutrina Médica Homeopática, 1986. Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”.

Escritos Menores de Hahnemann – Trad. Basílio, Tarcízio.

Escritos Menores de Bönninghausen – Trad. Basílio, Tarcízio.

Estudos de Matéria Médica Homeopática, 1983 – Nogueira, George W. Galvão.

Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar, Hahnemann, Samuel, Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”.

Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar 5<sup>a</sup> Ed., Hahnemann, Martins, João Vicente.

Homeopatia e Profilaxia, Castro, David .

Matéria Médica Pura Vol. I, II, 1998 – Hahnemann, Samuel- Trad. Bazilio, Tarcízio.

Noções elementares de Farmacotécnica Homeopática, – Edição da Revista Similia de Homeopatia, 1982. Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”.

Os Fundamentos da Medicina – Maffei, Walter Edgar.

Pharmacopea Homeopathica Polyglota, 1929, Schwabe, Willmar, trad. Costa, Francisco José.

Pharmacopea Homeopathica, 1856 Jahr, G.H.G, trad. Silva, João Cândido.

Samuel Hahnemann Vida e Obra – Haehl, Richard.

Similia - Revista de Homeopatia, N.º 65. Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”.